

PAGINAS DA GUERRA

Terras Santas da Liberdade

França Imortal, Portugal Heroico

Extrato das Conferencias realisadas no Teatro de S. Carlos e Ateneu Commercial de Lisboa, Teatro Agulha d'Ouro e Societé Amicale Franco-Portugaise do Porto

POR

MAGALHÃES LIMA



1917

"SOCIÉDADE TYPOGRAPHICA EDITORA,"
Rua d'Alegria, 100
LISBOA

H. S. 10736

6

IMP LEO:

Terras Santas da Liberdade

França Imortal, Portugal Heroico

62720



1874

Letter from the Secretary

Dear Sir,

Received of the Secretary

the sum of \$100.00



10756
PAGINAS DA GUERRA

Terras Santas da Liberdade

França Imortal, Portugal Heroico

Extrato das Conferencias realisa-
das no Teatro de S. Carlos e Ateneu
Comercial de Lisboa, Teatro Agula
d'Ouro e Societé Amicale Franco-
Portugalse do Porto

POR

MAGALHÃES LIMA



1817

"SOCIEDADE TYPOGRAPHICA EDITORA,
Rua d'Alegria, 100
LISBOA

TERRAS SANTAS DA LIBERDADE

O que vi, o que ouvi e o que admirei



SENHORAS e SENHORES :

O vosso acolhimento, tão benevolo, tão carinhoso e tão fraterno, recorda-me os velhos tempos heroicos da nossa propaganda em que todos nós, ardorosos e frementes, viviamos confundidos e irmanados no mesmo ideal e nas mesmas aspirações, na mesma esperança e na mesma fé. Particularmente me deveria dirigir aos promotôres d'esta encantadôra e imponente reunião, e, em especial, á Junta patriotica d'Arroyos, que d'ella tomou a iniciativa, na pessoa da sua dignissima e devotadissima Presidente, a sr.^{ta} D. Maria Clara Correia Alves e do meu amado companheiro e amigo muito querido, um velho republicano historico, Constancio d'Oliveira, alem de outros que, traidos pela sua constante e fiel afeição, quizeram tambem contribuir para o esplendor d'este ato, tão alevantadamente patriotico.

Para que fazer porêem, distinções? — Ao povo republicano devo esta manifestação.

E, onde está o povo, ahí está também a alma da Patria, a alma da Republica, a raça portugueza, o que tanto monta.

Nobre povo! Com elle tenho vivido nas suas alegrias e nas suas dôres, nos seus successos e nos seus revezes. Na minha larga propaganda pelo estrangeiro, procurei sempre demonstrar que existe, n'este extremo occidental da Europa, um verdadeiro povo, que trabalha, que produz, e que é digno, pelo seu admiravel civismo, da solidariedade dos demais povos civilizados. N'elle tenho encontrado a minha força, o meu alento e a minha inspiração. E é este, certamente, o motivo porque mantenho, frescas e viçosas, as ilusões da minha mocidade. Só descrê quem nunca teve fé. Não compreendo a descrença e a desillusão em espiritos firmes e convictos. Eu creio. Ai de mim, quando a fé me fugir! Creio, á maneira de Giordano Bruno, creio na sciencia, o primeiro poder espiritual; creio no trabalho, o primeiro poder temporal; creio no progresso, creio na civilisação, creio na humanidade, creio no engrandecimento, no futuro e na immortalidade da minha amada patria, e hoje, mais do que nunca, que ella retomou, perante o mundo, o seu lugar de honra, hoje, mais do que nunca, que ella revive as mais belas paginas da sua Historia.

Com que imenso jubilo eu constato que estamos hoje onde sempre estivemos: vós, no vosso posto, e eu no meu. Sou o que sempre fui, e é este o meu unico merito, (só deixarei de ser um propagandista, quando as forças físicas me abandonarem), esperando morrer, incorrigivel e impenitente, na fé dos

primeiros anos. Disse-o em Paris, na Sorbonne. Ao contrario do que proclamam os franceses — *Il faut que jeunesse passe* (é preciso que a mocidade passe), eu exclamarei: E' preciso, que a juventude fique E' o segredo da eterna juventude espiritual, primavera da alma, a belleza moral e o infinito amôr que caraterisam os poetas, os artistas, os sabios, os filosofos, os crentes e os apóstolos.

Atravez da imensa catastrophe que ameaça subverter o mundo, transformando o medonho cyclone em arco-iris luminoso, digamos com o grande poeta, o vidente de uma nova era, o gigante que se chamou Victor Hugo: *Aimons eneore! Aimons toujours!* Amêmos ainda! Amêmos sempre e eternamente!.. Os odios servem para destruir. Só o amôr pode construir. É a guerra atual, que reveste o carater de uma revolução, está precisamente preparando a reconstrução da sociedade, pela bondade e pela justiça. Sou insuspeito para vos falar assim, porque, pacifista de longos anos, penso que, só pela guerra, levada aos seus extremos redutos, poderei realizar o meu ideal de sempre. Ha doenças que, para se curarem radicalmente, demandam uma operação cirurgica. E tal é o caso presente.

A' semelhança daqueles romeiros, avidos de sensações, daqueles peregrinos, sequiosos de saber, de que o Ahasvero foi o prototypo, no seu eterno *Caminha, Caminha*, venho hoje trazer-vos, minhas senhoras e meus senhores, as impressões do que vi, do que ouvi e do que admirei, na minha longa

viagem, atravez um mundo em transformação, atravez uma sociedade abalada pelos seus alicerces, como se a labareda d'um grande incendio os tivesse attingido.

Para bem se apreciar e compreender a emoção dos antigos cruzados—e nem a guerra atual é outra coisa senão a cruzada de libertação dos povos oprimidos, dos fracos e dos humildes—é mister ter, como eu, visitado as terras santas da liberdade; é mister ter sentido os horrores e as imprecações da infernal hecatombe que o Dante preadivinhou na sua obra imortal; é mister ter ouvido não as maguas, não os queixumes, porque, n'esta hora tragica, não ha o direito de chorar, mas as palpitações dos corações, fundidos na mesma immortalidade; é mister ter vivido a guerra nas suas horas mais crueis e mais preversas.

A guerra em Portugal

Em Portugal não se sentiu ainda a guerra. E é indispensavel que ela se sinta para se ter a compreensão nitida da situação que atravessamos. E' mister que ela se sinta para pôr um termo á leviandade e á inconsciencia em que muitos teem vivido. E' neccessario que ela se sinta, para nos convenceremos que temos alguma coisa a fazer de nobre, de grande e de alevantado: a defeza do nosso territorio, a defeza da nossa liberdade, a defeza da nossa propria vida, a defeza da nossa propria dignidade. E' mister que ela se sinta para nos mos-

trarmos á altura da causa que defendemos. E' mister que ela se sinta, para podermos confiadamente apelar para o patriotismo do povo. E' mister que ela se sinta para possuirmos a noção do sacrificio que ela nos impõe. Não basta apenas que nos digamos aliados: é mister provar, pelos nossos atos, que o somos.

Hoje não pode haver outro objetivo nem outra preocupação, que não seja a guerra levada até ao fim, pelo esmagamento do militarismo prussiano. E, mais ainda do que a guerra, a vitoria, a vitoria, a vitoria. Hoje não pode haver outro objetivo nem outra preocupação, que não seja a preparação para a paz. Os povos aliados que não souberem preparar-se para a paz, não tirarão da guerra os beneficios, a que a sua participação lhes dá direito. O problema da paz é tão importante como problema da guerra.

Viver no presente com a previsão do futuro -- tal deve ser a nossa divisa. O povo não vive de idealismos; vive de pão, e é preciso assegurar-lh'o.

Por mais que isto pareça um lugar comun, não o é. Torna-se neccessario dizel-o e repetil-o, uma e muitas vezes, na rua, nos cafés, nas escolas, no parlamento, nas reuniões populares, por toda a parte enfim, onde palpite uma alma e onde vibre um coração.

Os aliados querem estabelecer uma democracia na Europa, por um combate sem treguas contra os inimigos da liberdade. Querem uma Europa livre e um mundo libertado. Nada mais belo e nada mais sugestivo. Ha-de ser d'elles a vitoria. Hão-de vencer. Os imponde-

raveis pesam tanto sobre a sorte das batalhas como sobre o destino dos imperios. A tirania, e o que é a tirania? — o odio á luz, o odio á verdade, o odio á justiça — a tirania mascarada com os nomes de «Direito divino», de Cesarismo e de autocracia, tem os seus dias contados. Varre-a a lufada das supremas reivindicações, que representam seculos de luta, de escravidão, de oprobrio, de ignominia e de suplicios infamantes. Atila, Carlos Magno, Cezar, Alexandre, Carlos V, Napoleão, todos encontraram no abismo em que se despenharam, a espiacão ás suas ambições de mando supremo. O Kaiser responderá pelos mesmos crimes, perante o tribunal da historia. Discutindo-se um dia, n'uma reunião publica, a que assisti, o destino que se lhe deveria dar, depois da guerra, o Sr. White, diretor do *Standard*, teve esta idéa feliz: encerral-o-hemos n'um dos palacios, edificadas sobre as colinas que circundam a cidade e obrigal-o-hemos a assomar todos os dias a uma janela, afim de repetir connôscos que Londres é a primeira cidade do mundo.

E não poderá ser maior o castigo infligido ao seu orgulho de Deus omnipotente, descido das nuvens á terra como providencia universal. E' o mundo inteiro, o mundo civilizado, é a consciencia universal que amaldiçoa os assassinos de Miss Edith Clavell, a Joana d'Arc da Inglaterra. E' o mundo inteiro, o mundo civilizado, a consciencia universal que amaldiçoa os assassinos de Jacquet, o denodado livre pensador, possuindo a alma dos martyres, como Giordano Bruno, Etienne Dolet, João Huss, Jeronimo de Praga e tantos outros, que,

impavido, em frente do carrasco, não permitindo que lhe vendassem os olhos, exclama altivamente: atirae, bandidos!.. E, varado pela metralha, caiu gritando: Viva a França! Viva a Republica.

Sim, é o mundo inteiro, o mundo civilizado, é a consciencia universal que amaldiçôa os executores do capitão Fryatt, os violadores da honra das mulheres, os ladrões de creanças indefesas, os perseguidôres de velhos e de populações em massa, os piratas desprezíveis, os incendiarios de cathedraes. E' a consciencia universal que amaldiçôa o bando agaluaado ás ordens d'um malfeitor. Pode bem dizer-se que os grandes malfeitôres da humanidade, Trepoff, Bonnot e outros, são cordeiros inocentes comparados com este lobo feroz, com este chacal sanguinario. Maldito aquelle que matou a piedade! E é possível conceber-se que semelhante monstro tenha ainda aliados do seu canibalismo?

Nas linhas de fogo

Aproximando-me das linhas em que se peleja o mais ingente prelio que jámais a Historia registou, fil-o com um indizível enternecimento de alma, tudo que no mundo pode haver de mais enternecidamente tocante e commovedôr. Nunca o meu sentimento vibrou tão profunda e intensamente. E nunca pude imaginar que o meu sêr pudesse altear-se a uma tal culminancia, como que a visão de

um mundo novo, de uma sociedade melhor, mais bela, mais joven e mais confiante, alguma coisa que não me fôra dado conhecer senão em sonhos e que me deixava entrevêr, atravez a noite maldita, um raio de luz redentor, o que quer que fosse de misterioso e de profetico, um mixto de horrivel e de bello. O grande poeta inglez o disse: Sonhar é viver; virver é sonhar. O bello é horrivel, e o horrivel é bello. Nunca uma epopeia foi nem mais grandiosa nem mais tragica. Nunca o heroismo humano atingiu tão formidaveis proporções. Tudo quanto a antiguidade nos conta de maravilhoso e de sublime, não é nada, comparado com os feitos homericos que se produziram, durante esta guerra, a ultima das guerras, que excedeu, em muito, tudo o que a imaginação mais ardente poderia conceber. E' um novo estado de alma, uma nova mentalidade, uma nova moral, uma nova concepção, uma nova noção da vida e do universo, uma nova sciencia, uma nova literatura, uma nova arte, uma nova sociedade que se prepara para o futuro.

Terras santas da Liberdade são aquelas onde se combate pelo Direito, pela civilização e pela humanidade. São a Jerusalem dos nossos dias. Os antigos cruzados iam á Palestina n'um intuito cristão. O intuito dos aliados é mais vasto e mais humano. Assim, como não ha senão uma politica, a politica da *União Sagrada*, ou, melhor, da Justiça Sagrada, em que se confundem, em Inglaterra, o lord e o trabalhista, no mesmo governo, acabando com a luta de classes, em que se chama uma mulher para secretaria de

ministro, acabando com a luta dos sexos; assim como não ha senão uma politica que em França aproxima o sr. Ribot, conservador, dos srs. Painlevê e Albert Thomas, socialistas, e na Italia, o sr. Boselli, garibaldino, do sr. Bissolati, socialista, e do sr. Comandini, republicano, e em Portugal o sr. dr. Antonio José d'Almeida, evolucionista, do sr. dr. Affonso Costa, democratico, o que não pode senão enobrecel-os, honrando ao mesmo tempo a Patria e a Republica, politica que se torna necessario manter e continuar atravez de tudo, porque o momento é para uma politica nacional e não partidaria; assim como não ha senão uma frente que revive o espirito da antiga Grecia e da antiga Roma, a frente augusta, digamol-o assim, em que se apertam, n'um circulo d'aço, os heroes, nimbados de luz, de Charleroi, da Marne, de Champagne e de Verdun, com este distico luminoso, assestado para o inimigo: «Não passareis»; assim como não ha senão um exercito, o formidavel exercito da humanidade em marcha, porque a humanidade não vive só d'uma ideia, encerra sempre outra na sua eterna chamma; assim como não ha senão uma vontade, a vontade que proclama a vitoria atravez os abismos; assim tambem não ha, nem pode haver, nem deve haver senão uma Patria, a Patria da Verdade e da Justiça.

O grito de «Viva a França» implica pois, logicamente o grito de «Viva a Inglaterra», «Viva a Belgica», «Viva a Italia», «Viva a Servia», «Viva o Montenegro», «Viva a Romania», «Vivam os Estados-Unidos da America», «Viva o Brazil», «Viva Cuba» e «Viva

Portugal», porque todos representam a mesma patria espiritual e vivem na mesma angustia e na mesma esperança, no mesmo sobresalto e na mesma fé. Nunca a fraternidade dos homens e das nações, fundidos no mesmo ideal de resgate social e redenção humana, foi nem mais profundo, nem mais belo, nem mais heroico. O que caracteriza o conflito atual é efetivamente a feição humana que o cerca de uma excepcional grandeza.

Terra santa da liberdade, é o solo sagrado da França, regado pelo sangue generoso dos seus *poilús*. Muito de proposito digo *poilús* e não soldados. Todo o *poilú* é soldado, mas nem todo o soldado é *poilú*. *Poilú* é o leão das batalhas. E' o lutador ardente, destemido, indomavel, *Bayard sans peur et sans reproche*, que, por cima das trincheiras, baluartes inexpugnaveis, expõe a vida temerariamente, denodadamente. O *poilú* é aquelle que, sem olhar ao numero e á metralha que o envolve numa onda de fumo, se arremessa sobre o inimigo, como uma avalanche esmagadôra. O *poilú* é aquelle que, ouvindo falar n'uma missão arriscada, se volta em continencia para o seu capitão, exclamando: Aqui me tem, meu comandante, para o que fôr preciso. O perigo não existe para nós. O *poilú* é aquelle que, vendo cair um a um os seus companheiros, empunhando a espingarda, lhes grita no auge do desespero: De pé os mortos! galvanizando com a sua voz portentosa alguns dos feridos, que erguem as cabeças mutiladas, como querendo acudir ao apêlo do seu camarada em perigo. O *poilú* é aquele que acaricia no mesmo pensamento, a espoza ca-

rinhosa, os filhos ausentes e a Patria idolatrada. O *poilú* é a alma da propria França, redimida, resgatada, completando a Revolução emancipadôra dos individuos pela emancipação das nacionalidades, e, sobretudo, das pequenas nacionalidades que não podem estar á mercê d'um poder discricionario e arbitrario.

Valentes e bravos *poilús*, soldados de França, que derramaes o vosso sangue para salvação da Humanidade; marinheiros audaciosos; homens das oficinas e dos campos; operarios; mães desesperadas; irmãs angustiadas; noivas quebradas pela desdita; humildes e modestas enfermeiras; viúvas dolorosas; orfãos nascidos n'uma noite de pavôr; mutilados sublimes; povos aliados; vós todos que viveis n'uma comunhão augusta de dedicação e de sacrificio que santifica as vítimas, sêde bemitos, e recebei as homenagens enternecidas d'um povo que, tendo proclamado a sua liberdade interna no dia 5 de outubro, se junta hoje a vós para proclamar a liberdade no mundo. A vossa obra será fecunda. E, comvosco, exclamaremos unisonos, invocando o espirito de Emilio Castelar: «Escravos! Sois livres. Levantae-vos.»

O patriotismo francez

Os *poilús* são os generaes das trincheiras, os francezes de amanhã. O *poilú* é o simbolo do patriotismo francez. A Historia ensi-

nara-me a admirar o patriotismo ateniense de Pericles e do seu batallião sagrado, o patriotismo dos legionários de Roma, o patriotismo de Sparta, o patriotismo que, na queda de Numancia, se assinalou por este brado lancinante :

Romano, louco romano,
 Pensas estes cativar.
 Ao teu carro todo ufano,
 Has de Iberia ligar?
 Procura na Lybia escravos,
 Mas não venhas entre bravos
 Colheita d'elles fazer.
 Brada-se aqui n'esta terra:
 Ou liberdade ou guerra,
 Ou liberdade ou morrer.

Mas o patriotismo francez é diferente de tudo isto. E' o patriotismo sereno, resignado e silencioso. Do mesmo modo que as dôres mudas são as mais profundas de todas as dôres, assim tambem, o patriotismo silencioso é o mais nobre de todos os patriotismos. Observei-o na gare de *L'Est*, á partida do comboio que seguia para a frente, em que as mães, as irmãs, as esposas, as filhas e as noivas acompanhavam os combatentes. Nem um gesto que denotasse magua ou desalento. Absoluta confiança! Escrever-me-has, não é assim?, diziam essas mulheres sublimes, sorrindo, ao despedirem-se dos seus companheiros, com os corações apertados e as almas alanciadas. E, agitando os lenços e enviando um derradeiro beijo aos que partiam, gritavam: Viva a França! E, n'um relampago, toda aquella massa feminina se confundia na mesma visão longinqua da patria triunfante. Virgens das

angustias, corações de Sparta, ao vosso lado houve alguém que chorou n'esse momento, e esse alguém fui eu. Chorei, não de dôr, não de piedade, o que seria uma cobardia. Chorei d'uma justificada comoção de orgulho por pertencer á vossa raça e porque a minha patria vivia na mesma emoção, participando com-vosco dos mesmos destinos e da mesma sorte. O patriotismo francez é aquella admiravel esposa que, chamada para vêr o seu marido em perigo e tendo chegado demasiadamente tarde, exclamou deante do cadaver: «Morreu pela Patria. Era sua mãe; eu era apenas sua mulher.» Uma mulher do povo é avisada da morte do marido no campo da honra, no momento em que traz nos braços o filho que amamenta. Ela vacila, ergue-se e grita: Viva a França! levantando o menino para o ceu... Filho de martyres, filho de trinta gerações semelhantes, tu viverás amanhã na França imortal, na França da vitoria.

O patriotismo francez é aquella noiva que, tendo recebido a noticia da morte do seu noivo no campo da batalha, se vestiu de branco. E perguntando-lhe alguém porque assim procedia: Porque vou celebrar o meu hymeneu com a minha adorada Patria, respondeu. Um dia um amigo meu pediu-me para o acompanhar a Montmartre. Entrámos n'um portal e appareceu-nos a porteira. O meu amigo perguntou-lhe pelos filhos. Os meus filhos! exclamou a pobre velha: um caiu na Belgica, varado pelas balas, logo nos primeiros dias da refrega; o segundo está na frente, já foi ferido duas vezes, e o terceiro vou mostrar-lh'o. E, abrindo a porta, foi-nos dado presenciar

o horrendo espectáculo de um tronco humano jazendo n'um pequeno leito, sem pernas e quasi sem braços. Como eu não pudesse ocultar a minha consternação, ela, batendo-me no ombro confiadamente, cheia de ternura maternal, exclamou: «Meu senhor, é pela França!»

O patriotismo francez é a dôr resgatada pelo altruismo, nas suas escolas de mutilados. E' o homem tornado super-homem. E' a sciencia arrancando as vítimas á morte. E' o prodigio. E' o milagre.

E', com effeito, preciso visitar as escolas de mutilados para verificar os progressos da sciencia e dos principios de solidariedade humana. Eu vi deante de mim a suprema desgraça transformada em suprema alegria... honrados servidores da Patria com as pernas e os braços amputados, com os craneos fendidos, com as faces laceradas. cegos, surdos, invalidos. Mas todos viviam! E o que é mais: todos tinham aprendido uma profissão e todos estavam aptos para ganhar a sua vida em qualquer parte do mundo. Hora inolvidavel! com que desvanecimento eu lhes apertei a mão! E com que su remo orgulho eu lhes disse que o povo portuguez os abençoava no seu infortunio. O patriotismo francez é o operario humilde, entregando as suas economias de muitos anos d'um trabalho improbo, para e grossar o em restimo de guerra, o emprestimo da liberdade, o emprestimo da revolução, afim de apressar a vitoria

O patriotismo francez é o general Castelnau recebendo a noticia da morte de seu terceiro filho, no momento em que dava uma ordem de comando, terminando sem vacilar á

maneira d'um antigo romano, o cumprimento do seu dever.

O patriotismo francez! Procurae-nos nos hospitaes, nos *foyers* dos soldados, onde as mulheres com uma abnegação verdadeiramente evangelica, se tornaram verdadeiros anjos tutelares das vitimas, do mesmo modo que nas fabricas, manipulando canhões e munições, se tornaram as cooperadôras da vitoria. A mulher ganhou mais com esta guerra, do que com 100 annos de propaganda.

A mulher substituiu o homem por toda a parte. Demonstrou que era capaz de organização e de um apostolado duradoiro. Mostrou-se digna do titulo de cidadã, antes de o haver recebido. E por isso os governos de França e da Inglaterra lhes conferem direitos. Os snrs. Asquith e Lloyd George defendem a sua causa e a propria rainha Mary foi presidir a um *meeting* feminista em Albert-Hall.

O conjunto das obras da mulher, no ponto de vista da bondade e da solidariedade humana, constitue o melhor e o mais belo monumento que se imporá á admiração dos vindouros. Nos hospitaes, para os soldados doentes, nos estabelecimentos para os mutilados, para os orfãos, para os refugiados, para as mulheres sem trabalho, ela reivindica para si, por direito de conquista, uma soberania que ninguem poderá mais usurpar-lhe. Se a quizessem desalojar do posto conquistado pelo seu esforço benemerito, seria a revolução.

E é de justiça que a mulher portugueza tambem participe d'estas regalias.

Como poderia ela ser excetuada, sem uma flagrante injustiça, desde que, pela sua ati-

tude, pelo seu patriotismo e pela sua devoção cívica, se tornou digna das mesmas honras e dos mesmos direitos, concedidos ás suas irmãs no estrangeiro.

Falando da França, eu desejaria fazel-o de joelhos, orando. A uns deu ela o seu ouro, a outros o seu sangue, a todos a luz

A França, povo gasto, dizia Bismark. A França, povo degenerado, accrescentava Guilherme II.

A França, o imperio do pecado! A feira universal dos prazeres faceis! clamavam outros.

Paris não era Paris: era Lutecia de lama. Não era a cidade luz. Era a cidade luxuria. A cidade da impiedade, sem Deus nem rei.

Nação gasta, a França de Pasteur, de Berthelot, de Victor Hugo! Nação degenerada! a França de Renan e de Taine! Nação gasta, nação degenerada, a França onde tremula a bandeira da humanidade! A verdadeira França não era a França cosmopolita dos *boulevards*.

A verdadeira França, a França do lar, a França das escolas, a França das oficinas, a França dos campos, não a conheceis vós, miseraveis detratores, e foi essa que no Marne e em Verdun, fulminando o inimigo, assombrou o mundo pelos tesouros desconhecidos do seu heroismo.

Ha um poema a escrever: é o *poema das trincheiras*, feito de sacrificio e de resignação, mas de uma infinita beleza moral, poema da sombra feito de luz.

A trincheira substituiu as antigas fortalezas. E' um baluarte improvisado e inexpugnavel. E' a vida em sobresalto, vida de subterraneo,

em pleno nervosismo, um pouco á maneira das antigas catacumbas romanas em que a fé iluminava os apóstolos.

Atolados em lama até ao ventre, sofrendo toda a casta de privações, esses homens, esses heroes não descançam, não dormem, não se descuidam, e, espreitando o inimigo, os seus movimentos, as suas evoluções, só teem um pensamento fixo: vencer, vencer, atravez de todos os obstaculos e de todos os perigos.

A vida das trincheiras não se descreve. E' o sobrehumano em acção.

Na ladainha das nações, a França falando á liberdade, assim se exprime:

Eu sou a tua insignia e o teu porta-bandeira, a tua voz e o teu grito; aquela que te lavou com o seu sangue e te deixou mais bela. Sou a lingua que falou por ti, os olhos que te conduziram. Sou a tua filha.

Edmond Rostand, descreveu, n'uma brilhante conferencia, o vôo da *Marselheza*, e, como a genial composição, ouvida n'um modesto salão, voou de salão em salão, de cidade em cidade, de paiz em paiz, empolgando os corações e avassalando as almas de todo o universo.

Que a *Marselheza*, o hymno de guerra de Turenne, segundo a frase de Rouget de Lisle, corôe pois, n'uma esplendorosa apoteose, a nossa oração á França imortal. (A banda da Guarda Republicana entôa a *Marselheza*, o povo aclama. E' um momento de extraordinaria emoção.)

Terras Santas da Liberdade

Terra santa da liberdade é a Inglaterra, povo epico, de incomparaveis virtudes, o paiz da probidade, o paiz da disciplina, não a disciplina de caserna que torna os homens automaticos, mas a disciplina moral que torna os homens cidadãos; a Inglaterra, tão poderosa pelo seu dominio sobre os mares, como pelo seu amor á verdade, pelo seu horror á mentira que é a base da moral britanica. O equívoco, a mentira, e o misterio teem sido a origem da queda de muitos governos. Não se toleram já os conluios de ante-camara, á maneira da Turquia. Hoje só ha uma politica, viavel: é a politica franca, aberta, sem reticencias nem alçapões, do povo e para o povo. E o governo que a não fizer, fracassará irremediavelmente. Foi a Inglaterra que tornou invencivel a obra dos aliados pela mutua confiança, pela mutua sinceridade e pela fé mutua; a Inglaterra da *Magna Carta* que precedeu a grande Revolução franceza, do mesmo modo que a execução de Carlos I precedeu a execução de Luiz XVI; a Inglaterra que é, para os aliados, a garantia da vitoria pela posse dos mares, onde reside o futuro e a immortalidade dos povos. A sorte do mundo teria sido intoleravel — dizia o sr. Balfour — se uma potencia, tendo já a supremacia militar, tivesse tambem a dos mares. Seria o açambarcamento do poder sobre o mundo inteiro; seria a tirania internacional.

Celebrando a Inglaterra, celebremos o seu grande homem, Lloyd George, que, pelo seu gesto sacudido e imperioso, nos recorda Lincoln, o famoso rachador de lenha tornado presidente, Lloyd George, o diretor espiritual da Entente e que operou no seu paiz, um paiz tradicional e aristocratico, a maior revolução moral que se pode conceber pela transformação dos costumes.

A Inglaterra é, no fundo, uma Republica, pelo seu respeito pelas garantias individuaes, pelo seu amor á liberdade. Um official da marinha ingleza disse me, com desvanecimento: a Inglaterra tem 5 milhões de homens em armas e poderá ter amanhã 10 milhões, se fôr preciso. E, por mais, que isso pareça difficil, abriremos brecha na frente inimiga, accrescentou. Os Zeppelins cabriolando nos ares, como se um elefante podesse fazer equilibrios no ar, já ninguem os teme e tornaram-se inuteis e ridiculos, e ha de vêr que lograremos tambem, em poucos mezes, neutralisar a ação dos submarinos. Esta guerra é, para nós, de vida ou de morte; é a guerra da Inglaterra, accrescentou ainda, e não a daremos por terminada, sem atingir o nosso fim: o esmagamento do militarismo prussiano e o aniquilamento da industria alemã. Além d'estas, temos tambem uma preocupação: poupar, quanto possivel, o exercito francez que perdeu já um milhão e meio de homens e que tem deante de si um problema tão grave, como a propria guerra, que é o problema da despopulação. Navios, navios, navios, é a formula ingleza, do mesmo modo que a formula franceza é munições, munições, munições.

Terra Santa da Liberdade é a Russia, irrompendo como a lava de um vulcão de um subterraneo celular que equivalia á morte lenta, para sorver a vida n'um hausto redentor. Foram duas as revoluções que se desencadaram na Russia: a revolução constitucional da Duma, e, logo a seguir, a revolução, que poderemos chamar republicana, organizada pelos comités dos operarios e soldados. Viva a Republica! gritar-se-ha na Russia, d'entro em pouco, n'um regimen legal. Este grito será contagioso para a Europa Central. É que ninguem se arreceie! Assim como em Portugal o povo é a garantia da Republica, assim na Russia ha dois fatores da estabilidade para o novo regimen. Os milhões de escravos que recuperaram a sua liberdade com a Revolução e que a defenderão com uma sanha que excederá a de todos os exercitos profissionaes e a *élite* intelectual que n'aquela paiz é superior á dos demais paizes da Europa, e que, apesar do seu misticismo, e por isso mesmo, é, pela sua tendencia, profundamente moral e christã.

Entre a revolução russa e a revolução franceza, ha pontos de semelhança que não passarão por certo despercebidos a quem conhecer a historia. O casamento de Luiz XVI e a coroação do czar foram assinalados por medonhas catastrofes. Maria Antonieta e a tzarina eram duas caprichosas, duas inconscientes. Esta fazia e desfazia ministerios a seu belo prazer, e, querendo cavar o tumulto da liberdade, cavou o tumulto da dinastia. Luiz XVI chamou os notaveis e os Estados geraes, como Nicolau II chamou a Duma que

dissolveu uma após outra. A terceira Duma, nomeada, pode dizer-se, pelo governo, torna-se a séde do movimento revolucionario e representa o papel do terceiro Estado de 1789. A' ordem de dispersão responde o principe da Galitze, como Mirabeau e Bailli. A sala do jogo da Palma é o palacio de Taurida. Luiz XVI havia jurado a Constituição o que não o impediu de fazer invadir a França pelos exercitos de seu cunhado. Nicolau havia jurado a Constituição e a tzarina preparava a invasão da Russia pelos espiões alemães e austriacos. As centenas de milhares de vitimas que o czar fez fusilar depois da revolução de 1805, a despeito das suas promessas, os milhares de desgraçados que deixou morrer na Siberia, estão enfim vingados. Ainda que não fosse senão para terminar com os suplicios da Siberia já a Revolução devia merecer as nossas bençãos. Nos seus sonhos, Nicoláu verá certamente erguer-se deante de si o cadafalso de Luiz XVI. Mas a Russia, magnanima e generosa, que acaba de abolir a pena de morte, não manchará a revolução com o sangue dos seus filhos. E foi esse espirito moderno, espirito humano, que caracterisou tambem a revolução do Brazil e de Portugal. Já as nacionalidades voltaram a fazer uso das suas linguas. No ministerio, estão amigos dos oprimidos. O povo avança a passos de gigante. As terras que, segundo o direito consuetudinario, pertenciam aos servos, vão ser-lhes restituídas. Assistimos ao triunfo do Direito, que se estenderá á tyrania teutonica, turca e bulgara agonisantes e que arrastará as dinastias dos Hohenzollern e dos Hapsburgos, todos os

prejuizos, todos os preconceitos, todas as superstições e todos os tronos na mesma torrente vertiginosa, no mesmo caudal saneador. Que garantias oferecem, com efeito, para futuros compromissos, os chefes d'estas dinastias, que consideram os tratados como pedaços de papel?

Terra santa de liberdade é a formosa e ridente Italia, onde palpita, como n'uma imensa fornalha, sempre vivo, ardente, exuberante, o genio latino, e onde, graças ao valente exercito do general Cardona, ela se tornará a Italia Una, indivisível, *toda a Italia*, sonhada por Mazzini e Garibaldi, que, do alto do monte Janiculo, em Roma, se defronta, no seu monumento, com o Vaticano, n'uma attitude soberana e vitoriosa.

Que diriam os grandes combatentes dos tempos heroicos, se podessem resuscitar para assistir á realisação da sua obra? Se são os mortos que governam o mundo, irvoquemos, n'um arranco de alma, os espiritos viris e sublimes de Carlos Cattaneo, de Aurelio Saffi, de Cavalloti, de Imbriani, de Bovio, de Antonio Matti, de Carducci, e de tantos outros soldados da liberdade que constituiram a vanguarda da vitoria.

O que é o espirito latino, o sentimento latino, a latinidade, n'uma palavra, de que Roma é o centro augusto? A latinidade é a propria humanidade; é a tradição; é a continuidade da historia. A latinidade, pelos gregos, ensinou aos povos o belo. pelos romanos ensinou aos povos o direito, que por si mesmo é tambem uma beleza. Em sintese, pois, foi o belo, estetico e o belo moral, isto

é, toda a beleza que a latinidade ensinou e impoz ao mundo. E, nestas palavras, se pôde concretisar a Italia literaria, poetica e artistica, como que a resurreição do Olimpo em que os deuses se transformaram em genios terrestres. A cultura latina é indispensavel á nobreza do mundo, disse Gabriel d'Annunzio, o *excitatore* da raça, o paladino da patria vitoriosa.

Assisti ás manifestações que se realisaram, em Milão, em honra de Battisti, o deputado irredentista de Trieste, fusilado, com inaudita ferocidade, quando moribundo. Se fosse ainda precisa qualquer prova, bastar-nos-ia esta, para demonstrar o odio que na Italia trasbordava contra os alemães. Digamos com Maeterlink: «Não ter odio em taes circumstancias, seria trair o amor».

Terra santa da liberdade é a Belgica, a Belgica martyr, a Belgica supliciada, a Belgica invadida mas não vencida, a Belgica, sentinela vigilante da civilisação latina, a Belgica do rei Alberto, o rei soldado, cujo gesto indomavel salvou a França e o direito das gentes.

Terra santa da liberdade é a valente Servia que escreveu com o seu sangue uma das paginas mais brilhantes da historia. Foi alguma coisa de sobrehumano que nos recordou os combatentes audaciosos das Termopylas.

Terra santa da liberdade é o pequeno Montenegro, de pé, sob o fumo da metralha inimiga, mas nunca vencido.

Terra santa da liberdade é a pobre Romania que, n'um recanto dos Balkans, é um documento vivo da tradição latina, e que, não obstante o perigo que de todos os lados a cer-

cava, não recuou perante o cumprimento do dever.

Terras santas da liberdade são as republicas de Cuba e da Liberia, que, apesar de pequenas, nem por isso devem ser esquecidas.

Terra santa da liberdade é a poderosa Republica dos Estados Unidos da America que, não tendo esquecido os serviços que devia a Lafayette e Rochambeau, se juntou á França no mesmo espirito civilizador. A grande estatueta que se encontra á entrada do porto de Nova-York — *A liberdade iluminando o mundo* — está momentaneamente envolta em crepes, até que o monumento, erigido pelo Cesar germanico, — *a tirania queimando o mundo* — seja inteiramente destruido,

A intervenção dos Estados Unidos, que não aspiram a conquistas nem a estabelecer hegemônias na terra, é uma prova concludente de que a causa pela qual os aliados pelejam é a causa do direito, a causa suprema da libertação das nacionalidades oprimidas. A sua bandeira estrelada coroará o firmamento de uma nova civilização em que os continentes fraternisarão, na mesma causa, assim como os homens e as nações.

A guerra submarina trouxe-nos a adhesão da America do Norte. E que significa essa adhesão? Significa, ao mesmo tempo, um valor moral, um valor economico e um valor financeiro, como tão bem o acentuou o sr. dr. Affonso Costa n'um dos seus ultimos discursos. E' um novo valor que contará, como um dos maiores e dos melhores fatores da vitoria.

Terra santa da liberdade é a florescente e

grande Republica dos Estados Unidos do Brazil, o atestado mais frisante e mais eloquente do heroismo humano e da energia luzitana, nunca assás sublimada.

No Brazil tive o meu berço de origem e tem Portugal a sua immortalidade. Na França tive o meu berço espiritual e tem Portugal a sua irmã mais velha. Por isso estes dois paizes são privilegiados para o meu coração. Ambos simbolisam para mim a mesma graça, o mesmo encanto e a mesma beleza moral.

Pode bem calcular-se o anseio em que estou de visitar o Brazil, de palpar os sitios onde passei a minha meninice. Será como que uma resurreição, alguma coisa semelhante á de um cego que, recuperando subitamente a vista, se encontra em plena embriaguez de sentidos e de alma, o supremo arrôbo e o supremo extase.

Falar do Brazil o mesmo é que falar da minha propria Patria, da minha propria familia. Quando, depois da Alemanha ter declarado a guerra a Portugal, tive conhecimento das vibrantes manifestações, realisadas no Rio de Janeiro, pude bem constatar que era o sangue do meu sangue, o espirito do meu espirito, que se traduzia n'um gesto de inolvidavel nobreza e de inolvidavel solidariedade, a solidariedade dos que muito se querem e muito se amam, a solidariedade de uma raça que assombrou o mundo com os seus feitos gigantes, a solidariedade das almas, a solidariedade dos povos que falam a mesma lingua que é já de si uma patria espiritual.

A partir d'este instante, o Brazil ficou sendo para nós um paiz beligerante. Se não entrou

logo em combate nos campos de batalha, proclamou do alto da tribuna, pelas vozes autorizadas de Ruy Barbosa e de Irineu Machado, a sua resolução firme de acompanhar os aliados em todas as suas vicissitudes e de defender a civilização latina, com o amor e a dedicação, com que um filho estremo defende a sua própria mãe. Qualquer que seja a decisão do congresso, o Brazil é para nós um paiz beligerante, pela sua altivez, pelo seu desassombro e pela sinceridade com que tem procedido.

Pode bem dizer-se que os novos *Lusiadas*, de que nos fallou Olavo Bilac, vão ser escritos pelos dois povos, ainda uma vez irmanados na mesma gloria imorredoura.

Não temos, de facto, ainda com o Brazil, uma aliança offensiva e defensiva, que aliaz existe em todos os espiritos e em todos os corações d'um e de outro lado do Atlantico. Porventura, terá a guerra o condão de provocar uma confederação, entre os dois povos gemeos, gemeos pelo sentimento, gemeos pela historia, gemeos enfim, pelas mesmas aspirações de liberdade e pelo mesmo ideal democratico.

E oxalá assim seja!

O esforço portuguez

O esforço portuguez! Que representa o esforço portuguez?

Perguntae-o ao Universo assombrado pelos feitos dos nossos grandes navegadôres. Per-

guntae-o ás tempestades, que recuaram espavoridas deante das nossas caravelas. Perguntae-o ao patriotismo de Afonso de Albuquerque, o maior de todos os portuguezes.

O esforço portuguez é a continuação da nossa historia; a reviviscencia das nossas descobertas; é um dever moral, que se impõe a todos os que amam a sua patria; é a defeza do nosso patrimonio colonial; é a reconquista do nosso logar na politica internacional; é a afirmação da nossa dignidade, da nossa independencia e do nosso futuro; é a afirmação da vitalidade da nossa raça.

O esforço portuguez não foi ainda apreciado como merecia. Pelo seu desinteresse e pelo espirito de sacrificio que o caracteriza, vale tanto como o esforço das grandes potencias aliadas. Dado o seu passado glorioso, dada a sua aliança secular com a Inglaterra que equivale a um compromisso de honra, dadas as suas afinidades espirituaes com a França que vinculam os dois paizes nos mesmos principios, Portugal não podia nem devia cruzar os braços perante o crime. A neutralidade seria uma abdicação vergonhosa. Reatando o fio da sua historia, o povo portuguez entendeu cumprir um dever sacratissimo tomando logar ao lado dos aliados. Eu pergunto a mim mesmo como é possivel haver ainda neutros. Neutro perante o crime, é cúmplice no mesmo crime. Foi um alemão que o disse: um povo livre não pode desinteressar-se da liberdade dos outros povos. E esta guerra, dado a seu carater humano, deve interessar a todos os homens.

O significado da nossa cooperação não está apenas, nos 55.000 homens que na frente esperam galhardamente a hora de entrar em combate: está principalmente na espontaneidade, na abnegação, com que, desde o primeiro dia de guerra, nos colocamos, franca e abertamente, ao lado dos aliados com tudo o que tínhamos, com tudo o que podíamos, com tudo o que valíamos.

Imaginem que o porto de Lisboa estava aberto à pirataria germanica? A navegação do Atlantico não se haveria feito com a mesma facilidade e a posse dos mares teria sido gravemente ameaçada.

Vae pois, o nosso mais terno pensamento para os bravos marinheiros e para os valentes soldados de Portugal que representam hoje, perante o mundo, a sintese da nossa raça, da nossa historia, da nossa civilização e da nossa bravura. Com eles revivemos as grandes horas da nossa epopeia.

Vae a nossa homenagem mais calorosa e enternecida, para o soldado portuguez, prostrado pelas balas inimigas, para o soldado Curado, o primeiro que sucumbiu, em nome da patria, e cuja memoria será perpetuada condignamente pela nação reconhecida.

No meu longo trajeto desde Toulouse até Marselha, em França, desde Genova até Milão, em Italia, tive ocasião de assistir a muitas dezenas de reuniões. Em todas elas o nome de Portugal foi aclamado com o entusiasmo a que os seus feitos lhe dão direito. Em algumas cidades, onde a não havia, começou a flutuar a bandeira verde-rubra, e a tocar-se a *Portuguesa*, no meio de freneticos

aplausos. Recordo-me até que em Marseilha, onde me foi conferido o titulo de cidadão marsehez, muitos edificios embandeiraram, com a nossa bandeira, durante a minha estada n'aquela cidade. Ouvir falar em Portugal, assistir ás ovações de que a Republica foi alvo, tudo isso que constitue uma parte, a melhor parte da minha alma, por tal forma me enterneceu que me considerei sobejamente compensado das insinuações d'aqueles que, menos justamente, apreciaram os intuitos da minha campanha. Em tudo o que fiz, em tudo o que disse, nunca tive outro objetivo que não fosse honrar e immortalisar o nome portuguez, por vezes tão desdenhado por quem o desconhece, como se fosse o meu proprio nome.

Se exagerei — e quem não exagera o tesouro idolatrado? — ainda isso me deve ser relevado pelo muito amor que consagro á minha terra. E posso assegurar que outros poderiam fazer melhor, mas ninguem procederia com mais dedicação, com mais sinceridade e com mais desinteresse do que eu procedi no meu apostolado.

Tive igualmente occasião de verificar o effeito produzido em Paris á passagem dos nossos officiaes. O seu porte marcial, a sua postura irrepreensivel impressionaram por igual francezes e estrangeiros, e a população parisien-se mirava-os não só com o carinho e a simpatia de aliados senão tambem com o respeito que lhe inspiravam os seus uniformes. Podemos emfim, dizer que temos um exercito que antes não possuíamos. E esse exercito, que se deve á Republica e que em breves dias se irá defrontar com o inimigo, provará, pela sua valentia,

que é digno do elogio que lhe fez Napoleão I, quando afirmou que as tropas portuguezas são tropas de eleição, sobrias, pacientes, destemidas e leaes. E a justiça manda que não esqueçamos os nossos bravos marinheiros, aos quaes estou ligado pelos laços mais indestrutíveis de uma gratidão que se não apagará nunca na minha alma, porque ninguem calcula o que representa, com relação á policia do porto, á fiscalisação das nossas costas e á unidade moral da armada, o esforço de dois anos consecutivos de um improbo labor.

Os soldados portuguezes, que atualmente se encontram na frente, regressarão á patria, orgulhosos e triunfantes, com um espirito novo, adquirido no contato dos seus camaradas estrangeiros. E esse espirito de que muito ha a esperar, será um elemento de renovação para a patria portugueza. Cooperando no conflito, os nossos soldados não só adquirirão a tecnica da guerra moderna senão tambem sofrerão o contagio das ideias e dos processos que hoje animam os aliados e que hão de caracterisar a civilisação do futuro. Ainda, por este lado, não podemos senão felicitar-nos com o governo da Republica pela sua patriotica resolução que reverterá para nós em duplo beneficio.

Em marcha

A Republica Portugueza ocupa hoje uma situação privilegiada na politica internacional. Desfez-se a lenda de que eramos uma pro-

vincia de Espanha. Colocando-se ao lado dos aliados, Portugal tornou-se uma potencia e reconquistou o logar a que a historia lhe dá direito.

O que é preciso pois? — E' preciso que a nossa attitude interna corresponda á nossa situação externa. E' preciso impôr silencio ás paixões que tumultuam desordenadamente. E' preciso fazer calar ambições e vaidades insofridas. E' preciso reduzir cada um á sua esfera de ação.

E' preciso que o carater sobreleve a todos os mesquinhos interesses e a todas as baixas intrigas, tornando-se a base da moral politica, indispensavel ao prestigio do regimen. E' no carater que repousa a estabilidade de uma instituição, a sua grandeza e o seu esplendor. E' preciso que a Republica se torne sinonima de virtude, como a definiam os atenienses. E' preciso que a Republica seja republicana, embora aberta a todos os portuguezes. E' preciso concorrer, por todos os modos, para a intensificação do nosso esforço militar, de que ha de resultar o nosso esforço economico. E' preciso destruir boatos e calunias, por uma propaganda intensa, extendida a todo o paiz.

Ha um dever moral, nacional e humano a cumprir. Cumpramol-o sem hesitações, como cidadãos portuguezes e como homens, que se interessam pela sorte dos seus semelhantes. Dignifiquemos a patria pela nossa ação moral que a colocará acima de todas as suspeitas, de todos os equivocos e de todas as desconfianças.

O denodado jornalista, Gustavo Hervé, anti-

militarista feroz, que, por causa das suas campanhas, foi condenado a seis annos de prisão, quando viu a guerra iminente, reuniu os seus correligionarios, e, n'uma simples frase, resumiu os seus propositos: «Agora, meus amigos, para a direita!»

Formemos nós tambem, em coluna cerrada, em volta da nossa bandeira e lembremos as memoraveis palavras de Paul Deschanel, pronunciadas no *Instituto* de França:

«Os germanos invadiram-nos mais de vinte vezes, cinco vezes depois da Revolução. D'ahi, para nós, os deveres essenciaes, os mandamentos da patria: permanecer unidos; melhor conhecer a Alemanha; fazer melhor conhecer a França; não esquecer; prevêr.»

Permaneçamos nós, portuguezes, tambem unidos; tornemos Portugal conhecido no estrangeiro por uma propaganda incessante; não esqueçamos e tenhamos a previsão do futuro.

Contarei dois dias felizes na minha vida: aquele em que triunfou o meu ideal dentro do meu paiz pela implantação da Republica e aquele em que ha de triunfar o meu ideal no mundo pela vitoria dos aliados. Uma unica coisa me pesa: é estar tão adiantado em annos.

O periodo que se seguir á guerra deve ser extraordinario de surpresas e de assombros. A guerra está destinada a resolver todos os problemas que foram postos no seculo XIX: a luta de classes, a luta de sexos, a luta de raças, a luta de nacionalidades, a luta de religiões, a organização do trabalho enfim. E' uma verdadeira revolução social.

A politica do futuro revestirá um carater

profundamente social e humano. A guerra não foi outra coisa senão o resultado da anarquia moral e da anarquia internacional, levada ao extremo pela concorrência industrial. O meu malogrado amigo, Novicow, o grande sociólogo russo, previu este estado de coisas, quando disse: «ou a anarquia internacional ou a federação.»

Assistimos a um duelo de morte, entre dois principios opostos. A vitória dos aliados implica a vitória dos povos, em nome da Justiça. Os grandes ventos purificam o ar. As tempestades limpam a atmosfera, conservando todos os seus perfumes. Marchamos para uma sociedade nova. E' uma nova aurora que desponta no horisonte. Marchamos para onde? — Para os Estados Unidos da Europa, preconizados por Victor Hugo?

Eu creio que marchamos antes para a *União Ocidental*, do mesmo modo que os slavos marcham para a *União Oriental*. A *União Ocidental* será estabelecida sobre o acôrdo anglo-latino, isto é, sobre a federação dos povos latinos, com a colaboração perpetua da Inglaterra. Assim como o Mediterraneo, cantado pelos grandes poetas da antiguidade, foi o mar da civilização latina, *mare nostrum*, assim o Atlantico servirá a *União Ocidental* no futuro. O pan-americanismo e o pan-slavismo deixarão de ter uma razão de ser. São os soldados da Justiça, os pioneiros da Verdade, o exercito da Civilização latina que triunfam.

A hora da Vitoria

Inutil se torna discutir a quem pertence a responsabilidade da guerra.

Os factos e os documentos fixam-na de uma maneira insofismavel e iniludivel.

E quanto tempo ela durará, é ainda um ponto de interrogação. E como terminará? Por uma vitoria pelas armas, por um incidente de ordem economica, por uma revolução? São outros tantos pontos de interrogação. A guerra durará o tempo que fôr preciso, para assegurar ao mundo uma paz duradoira e estavel.

E como se poderá assegurar uma paz duradoira e estavel por que todos aneiam? — Pela constituição de uma Sociedade das Nações, estabelecida sobre os principios do Direito e de Justiça. Esta paz terá, como fundamento, a independência das nacionalidades, com as garantias necessarias contra a possibilidade de um regresso a uma nova guerra, pela arbitragem obrigatoria com uma sanção internacional. Esta paz será uma paz republicana, fundada sobre um regimen juridico internacional.

Hoje só pode haver uma palavra de ordem: viver combatendo, para ter o direito assistir à vitoria.

Bemdigamos a hora da vitoria.

Acima dos paizes devastados; para além das trincheiras; mais alto ainda que o ruido dos canhões e o horror sublime das batalhas; acima de tudo o que a sciencia inventou de mais destruidor e de mais terrifico, está a

Consciencia Humana, tão brilhantemente descrita por Victor Hugo n'aquele olhar fixo, imóvel, coruscante, que, por toda a parte, seguia Cain, o fraticida. E essa Consciencia julgará. Será o julgamento final da Justiça contra a iniquidade, do Direito contra o arbitrio, da Civilização contra a barbarie.

E, sob o Arco de Triunfo, n'uma esplendida alleluia, os aliados vencedores só terão um pensamento de amor e de concordia.

Michelet foi profeta. No seculo xx, a França ditará a paz ao mundo.

FRANÇA IMORTAL, PORTUGAL HEROICO

O Centenario de Camões



SENHORES E SENHORAS .

Como filho espiritual da heroica e generosa França, cumpro um dever e uma devoção, gratissimos ao meu espirito, aclamando, na pessoa do seu ilustre e dignissimo representante, o Senhor E. Daeschener, que nos honra com a sua presidencia, a grande e poderosa Republica, envolvendo num mesmo abraço, efusivo e reconhecido, a colonia franceza ali presente. E permitam-me que complete a minha saudação com o envio de dois telegramas: um ao Sr. dr. Bernardino Machado, exprimindo-lhe a nossa mais alta consideração, assim como a nossa solidariedade na obra comum, e outro ao Senhor Poincaré, presidente da Republica Franceza, para lhe afirmar que este pequeno povo, Portugal, é sempre o mesmo povo do passado, vivendo no mesmo espirito dos aliados e na mesma confiança absoluta da vitoria.

(Grandes aclamações irrompem neste momento. A assistencia de pé saúda a França,

emquanto o sexteto executa os compassos vibrantes da «Marselheza».)

E sempre com indizível enternecimento que venho a esta casa, porque nunca esquecerei que fui eu quem, em nome da comissão executiva do Centenario de Camões, inaugurou official e solenemente o *Atencu Comercial de Lisboa*, no glorioso dia 10 de junho de 1880, por uma manhã clara, de sol creador e fecundo. Estou pois, ligado a esta casa pela tradição, pelo carinho e pelo enternecido afeto que lhe voto, á maneira de um pae espiritual. Nos seus 37 anos de existencia patriotica e benemerita, tenho-o acompanhado com verdadeiro amor e as suas prosperidades não me podem ser indifferentes. Poucos poderão compreender a minha emoção. Mas são efetivamente estas emoções que tornam a velhice nobre e bela. Com que infinita saudade, eu evoco esses tempos heroicos das grandes batalhas, tempos de fé, de entusiasmo, de fogo sagrado, de candura, de sinceridade e de desinteresse. E como é profundo o contraste entre aquella epoca, de ingenuidade nativa, e a nossa, de egoismo grosseiro, de mesquinhos interesses e de baixas conveniencias.

A celebração do Centenario de Camões assinalou a entrada triumphal da democracia em Portugal.

Dos nove membros, que faziam parte da comissão, morreram seis — o visconde de Jorumenha, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro e Rodrigues da Costa. Estão vivos apenas três: o sabio mestre Teofilo Braga, o promotor da celebração que, durante três anos sucessivos,

fez uma brilhante propaganda do centenario que marcou um periodo de reviviscencia nacional e o inicio da organisação do partido republicano portuguez, Jaime Batalha Reis, nosso ministro na Russia e eu, que ha mais de 45 anos me mantenho no meu posto de propagandista, e nem outra coisa sou ou pretendo ser, sem desfalecimentos, com a mesma fé dos primeiros tempos. Hoje ha capelas a mais e ideal a menos. E o que é preciso é que o ideal não seja substituido por interesses inconfessaveis. O segredo da minha juventude espiritual deriva do ideal que nunca me abandonou. Tenho seguido o meu caminho em linha reta, sem olhar para os lados, nem para traz, norteados pela lição do mestre: Se forem mil eu serei um dos mil; se não houver senão cem serei um dos cem; se não forem senão dez serei o decimo; e se não houver senão um serei esse unico.

A Revolução franceza

Esta sessão foi principalmente promovida para festejar a grande Revolução franceza. Por motivos, alheios á nossa vontade, não poudes realizar-se no dia 14, como houveramos desejado. Mas a sua celebração é sempre oportuna. E, hoje mais do que nunca, porque a guerra não é outra coisa senão a continuação da Revolução franceza, o seu complemento logico.

O dia 14 de julho é o dia da França. Me-

lhor diremos o dia da Humanidade em marcha.

A tomada da Bastilha frizou-o, com lucidez, um distinto publicista, é para o mundo contemporaneo o que a batalha de Salamina foi para o mundo grego — o triunfo solene da liberdade contra o imobilismo sacerdotal do despotismo asiatico, da egualdade contra o privilegio, do direito contra a força.

Na batalha de Salamina, o genio grego, que continha em si todos os germens da civilização moderna, vence o espirito asiatico, petrificado na bruta imobilidade das castas; na tomada da Bastilha, a democracia europeia alcança a sua mais decisiva vitoria sobre o despotismo monarquico e desfaz para sempre o velho mundo feudal, produto regressivo das extremas civilizações do Oriente.

A Revolução franceza é a grande força criadora da civilização contemporanea. Foi daquele batismo de sangue que saiu regenerada a humanidade. E' daquela poderosa iniciativa que data a democracia moderna. A Revolução franceza é a crise decisiva e tragica deste drama secular da emancipação do espirito humano que teve por prologo a civilização greco-latina. O 14 de Julho é a Revolução completa.

O dia 10 de Agosto de 1792 em que o heroico povo de Paris tomou de assalto as Tulherias é o complemento indispensavel do glorioso dia 14 de julho de 1789, da tomada da Bastilha.

Nesse lugar onde penetrára a justiça, celebrava-se no ano seguinte, no dia da grande federação, o primeiro aniversario com a festa

da Liberdade. O povo de Paris, fraternizando com os enviados da provincia, dansou toda a noite, em volta das arvores da liberdade, como succede ainda hoje.

Uma inscrição, alegre e caustica, flutuava ao vento, como epitafio do velho mundo, destruido e aniquilado: *Aqui dança-se!*

Inscrição identica, flutuará tambem ao vento depois da infernal hecatombe, como epitafio da barbarie para todo o sempre sepultada nos escombros da vasta caserna feudal: *Aqui vive-se!*

Assim como ha personalidades que não pertencem exclusivamente a um paiz, mas que são universaes, por isso mesmo que são imortaes, assim tambem a data do 14 de julho se tornou uma data historica, uma data universal, uma data humana. Ela deve interessar a todos os que combatem pela liberdade e a amam apaixonadamente. A civilização é a liberdade, e a liberdade repousa sobre a garantia dos direitos individuaes. Não basta só aspirar preguiçosamente á liberdade. E' mister conquistal-a, é mister possuil-a. N'essa posse repousa tambem a garantia do nosso amor por ela.

As duas epocas aproximam-se: em 89 combatia-se pelos direitos individuaes; em 1917 combate-se pelos direitos das nacionalidades. Em 89 travou-se o combate politico; hoje trava-se o combate social. E' ainda e sempre o mesmo combate contra o despotismo, contra o cesarismo, contra o arbitrario. E' a continuação do mesmo esforço. Como o maire de Nova York, dirigindo-se aos seus compatriotas, curvemos nós tambem a cabeça,

porque ha trezentos anos que a França verte o seu sangue por nós.

Orlando, que, á semelhança de Godofredo de Bouillon, de Bayard, de Turenne e de Marceau, representava a alma da grande patria latina, morreu murmurando: «Terra de França, és um doce país!» — Sim! um doce país, e, mais do que isso, acrescentarei eu, um país necessario, imperecivel, eterno, o maior país do mundo. Numa outra conferencia, realisada nesta cidade, tive já ocasião de dizer que, falando da França, desejaria fazê-lo sempre de joelhos, orando, num recolhimento de supremo extase e de suprema piedade. Por isso podeis bem imaginar, com que fervôr, com que intima devoção, com que entranhado afeto, venho hoje invocar, perante vós, o nome da incomparavel nação, que a todos assombra pelos prodigios e pelos tesouros do seu heroismo, sem igual na Historia dos povos. A' França se deve a liberdade no mundo. E' certo que a Magna Carta em Inglaterra precedeu a grande Revolução franceza. Mas foram os enciclopedistas do seculo XVIII, foi o espirito da sua filosofia que maior influencia exerceu sobre as revoluções que se succederam desde aquella epoca até aos nossos dias. As revoluções republicanas no Brazil, em Portugal, e, recentemente, na Russia, foram o resultado dessa ação redentora. E creio bem que a labareda ha-de atingir os demais paizes do Universo. A paz futura representará a queda do direito divino, a eliminação de todos os prejuizos, de todos os preconceitos, de todas as superstições, a eliminação, emfim, da gangrena

que ha seculos contaminava o corpo social, e, porventura, a eliminacão de todos os tronos. Não será para admirar que a santa Polonia, vitima de um cesarismo odioso celebre a nova alvorada da sua liberdade, com a proclamacão de um novo regimen.

O significado da guerra

Os povos como os individuos, só aprendem a conhecer-se na adversidade. E' a dôr que caracteriza o mundo. E' na dôr que a mãe concebe. A ideia de vida anda ligada á ideia de dôr. Na propria natureza, tão cheia de contrastes, ela se manifesta tambem. Ao lado do roble altivo vegeta a arvore raquitica.

Sob a açãõ do sofrimento que resgata, a Polonia tomou consciencia de si mesma. A ideia nacional espalha-se, propaga-se, ganha todos os espiritos, desce da aristocracia até ás camadas inferiores. A patria deixou de ser pertença de alguns, como sucede nos regimens dinasticos: tornou-se o bem de todos e toma hoje parte no grande côro da humanidade. A Polonia renasce, porque, a bem dizer, nunca deixou de existir. Outros povos entraram na historia sem possuirem os mesmos titulos e os mesmos direitos.

Todos devem recordar-se ainda d'aquello admiravel gesto, que ficou historico, de Carlos Floquet. A scena passou-se no tempo do Imperio. O czar Alexandre, que visitára Paris, subia as escadas do Palacio de Justiça, e Flo-

quet, que era, então, um simples deputado, descia. Ao passar, junto do soberano, não podendo conter um justo sentimento de revolta, que caracteriza todos os homens justos, todos os espiritos nobres, gritou; *Viva a Polonia!* Era o canto do galo gaulez, saudando a resurreição de uma nação martirizada, tal qual como succede hoje com a Belgica, com a Servia, com a Romenia, com o Montenegro.

A Hungria vive na tradição de Kossut, e a tradição de Kossut é a tradição republicana. Kossut evoca, no meu espirito, os nomes de Mazzini, de Garibaldi, de Raspail, o precursor de Pasteur, de Blanqui, de Lamartine, de Luiz Blanc. A Bohemia invoca, a cada passo, o espirito emancipador de João Huss, cujas cinzas, assim como as de Jeronimo de Praga, do's herejes, foram arremessadas ao Rheno; de João Huss, que, no seu derradeiro suplicio, morreu altivamente, invocando a Verdade. «Amai a Verdade; vivei para a Verdade; sofrei pela Verdade; sacrificai-vos pela Verdade!» — tal era a sua divisa e tal é tambem a divisa do livre pensamento. O velho mundo vivia sufocado, estrangulado pelo erro, pela mentira, pelo equivoco, pela mistificação. Era um mundo de falsas convenções

A guerra libertal o-ha pela ação da Verdade. Clareza e energia-civica — eis o que devemos pedir á democracia, como fatores indispensaveis da vida* moderna.

Desmoronam-se as sociedades; baqueiam os imperios; vacilam os monarcas nos seus tronos de ouro, e a liberdade tenta mais uma vez erguer a cabeça magestosa, acima da medonha

confusão e das extraordinarias surpresas que caracterizam a nossa epoca.

Qual o significado de semelhante acontecimento? — Recuo ou avanço? Progresso ou reação?

A historia mostra-nos que os periodos aureos da humanidade foram sempre precedidos de violentas convulsões. A's invasões da Edade-média, seguiu-se a Reforma e a Renascença, duas alvoradas. A's agitações politicas que vão de 1820 a 1848, seguiu-se um periodo de idealismo que assinalou uma reação salutar na vida dos povos. O mesmo succede na natureza, com as tempestades e os ciclones que, em geral, precedem o arco-iris da bonança.

Perguntando eu a Emilio Combes o que pensava ácerca do futuro, reservado ao Livre Pensamento, depois da guerra, respondeu-me o grande homem da lei da Separação, com a confiança dos espiritos fortes: «Retomaremos o nosso lugar com vantagem sobre o passado».

Clemenceau tinha razão. Não ha duvida que a Revolução franceza continua. Metade da humanidade ficára por emancipar, porque a Revolução franceza só pensára no cidadão, deixando a mulher na mesma inferioridade, o que foi uma injustiça flagrante. E' o trabalho, o grande poder temporal, superior a todas as realezas efemeras, que triunfa, pela soberania do homem, o fator moderno por excelencia, o trabalho, sem distinção entre manuaes e intelektuaes; o homem valendo outro homem; a Humanidade una, enfim.

Quem governa atualmente o mundo é a Ideia feita Justiça. E' Lloyd George, em Inglaterra; são Albert Thomas e Painlevé em Fran-

ba; é Kerensky, um organisador á maneira de Carnot, na Russia; é Bissolati, na Italia; é Emile Vandervelde, na Belgica. E' a Revolução que está no poder. E seria insensato pensar n'um retrocesso. Ninguem se deixará despojar dos postos conquistados. Equivaleria a não compreender o significado da guerra que tem por fim estabelecer uma democracia no mundo.

Os germanofilos, o que tanto monta dizer os reacionarios, (não se pode ser liberal e germanofilo ao mesmo tempo) a pretexto da guerra e explorando indignamente a *União Sagrada*, teem procurado fazer o seu jogo. Mas enganam-se. A Liberdade véla. Velamos todos nós. E' o caso de repetirmos com o inspirado poeta: «Não fazem ninho os milhafres nas cavernas do leão».

O que se tem passado, e escusado se torna citar factos que todos conhecem, demonstra á sociedade a razão do nosso protesto. E eu sou insuspeito, para o dizer, porque nunca fui um setario, nunca me cegou a paixão politica. Respeito todas as opiniões e todas as crenças, quaisquer que elas sejam, quando sinceras. Mas detesto e abomino a hipocrisia e a especulação, em nome seja de quem fôr. A tolerancia para com o crime é uma cumplicidade. Que todos os que se prezam de liberaes se mantenham atentos e vigilantes, á semelhança dos nossos soldados que, nas trincheiras espreitam o inimigo. A guerra atual visa á emancipação das consciencias. E' uma guerra destinada a libertar e não a oprimir. E' a guerra da democracia. E' uma pedra de toque. E' por ela que se definem tendencias e se apuram convicções.

A civilização latina

No cadinho da Revolução, que outra coisa não é o famoso espetáculo que estamos presenciando, tudo se transforma, como num imenso laboratório, tudo se renova, tudo se democratiza. E esta depuração, este saneamento, devem-se á França, a diretora espiritual da civilização moderna.

A síntese da sua historia está n'estes admiráveis versos do malogrado poeta belga, Emile Verhaeren :

*C'est vous, qui dans vos mains, maintenez le flambeau
Que l'expirante Athènes a mis aux mains de Rome.»*

E' a civilização latina, essa danada civilização latina, no dizer dos barbaros, que revive hoje, com mais intensidade e com maior fulgôr do que no passado; a civilização latina cuja cultura se tornou necessaria á nobreza do mundo, na frase feliz de Gabriel d'Annunzio.

Se o espirito latino tivesse dominado o mundo moderno — diz o eminente historiador Guilherme Ferrero — como ele dominou o mundo antigo, uma catastrophe, como a atual, não teria sido possível. E, com a mesma logica, pergunta porque razão o espirito latino não tem hoje a mesma influencia que teve out'ora. E responde triunfalmente: A catastrophe atual não é senão a ultima resultante de um esforço gigantesco, mas confuso, realizado por 4 ou 5 gerações que não pensaram senão em aumen-

tar o poder do homem, sem distinguir entre o poder que cria e o poder que destrói. A crise na qual se debate a Europa prova claramente que, se não conseguirmos erguer o tom moral da vida europeia, a civilização de ferro e da sciencia acabará por um medonho suicidio. E' preciso ao mundo, enorme e poderoso, mas desequilibrado e cheio de confusão em que vivemos, um pouco mais de ordem, de harmonia e de justiça, que só o espirito latino lhe pode dar.

Porventura o ferro e o aço terão de prevalecer sobre os mais nobres sentimentos da humanidade? Poderá admitir-se que o erro triunfe sobre a Verdade, o mal sobre o bem, o feio sobre o belo, a destruição sobre a criação, a quantidade sobre a qualidade? Não é preciso ser otimista para responder negativamente.

O nosso fim é claro e nitido: aproximar, pelo pensamento e pelo coração, todos os homens da raça latina que povoam o universo, todos os homens que amam a liberdade e a justiça, e que querem libertar o mundo da barbarie e da escravidão por uma nova constituição jurídica.

Pela civilização latina se batem atualmente os aliados nas trincheiras, ao lado da França imortal. Ao seu apêlo acudiu o mundo inteiro. Os continentes fraternizam. A America é a Europa e a Europa é a America. A America é a terra santa da democracia. E' ali que ella se sente, é ali que ella se pratica. A America não é só um grande continente. E' um continente onde se respira a liberdade a plenos pulmões. A sua natureza magestosa, o seu

scenario soberbo correm parelhas com o seu sistema politico. A America fala sempre como Lincoln, tendo na sua mão a espada de Washington. Pela voz eloquente de Wilson, chamou os povos livres ao combate contra as autocracias, opondo o espirito de independencia ao espirito de dominação. E' o grito supremo da democracia contra o despotismo, da harmonia contra a hegemonia, a livre unidade do espirito humano e a livre federação dos povos.

O que resalta d'esta guerra é efetivamente a tendencia para a unidade espiritual da humanidade.

E como tudo mudou! E como tudo ha de mudar ainda mais!

Washington transformou-se numa capital internacional. Desapareceu a doutrina de Monroe. A mensagem do presidente Wilson, segundo Gustavo Hervé, deve considerar-se como a carta da humanidade no seculo xx. O mundo, disse o sr. Elihu Root, ministro dos negocios estrangeiros da grande Republica Americana, não pôde ser metade democratico e metade prussiano. O resultado pode ser incerto, hoje ou amanhã, mas o final será certo e seguro. O progresso do movimento mundial que esmagou a autocracia não pode recuar, e ha de traduzir-se, no futuro, por um grande gesto pacifista.

O que principalmente comoveu a America até ao fundo de alma, disse-o o sr. René Viviani, foi o silencio, a dignidade e a tranquillidade com que a França aceitou todas as provações.

A politica externa da Republica tem de ser norteeda no sentido das democracias franceza

e americana. Porque a politica externa da Republica está ainda por fazer. Pode porventura, conceber-se que não tenhamos uma aliança com o Brazil, por exemplo? A nova e grande Luzitania poderá surgir de uma Confederação entre o Brazil e Portugal. Tudo a aconselha e tudo a impõe. O meu velho e dileto amigo, dr. Bettencout Rodrigues, que defende este pensamento, com veemencia e convicção, lembrou que se abrisse um plebiscito com este fim. O resultado não pode ser duvidoso. Todos temos obrigação de contribuir, com a nossa quota parte, para a realização de tão grandioso projeto que implica um novo fator da Sociedade das Nações que ha-de resultar da guerra, como uma consequencia necessaria e logica.

Uma geração de idealistas

A minha geração foi poderosamente influenciada pela revolução de 1848, a mais cosmopolita de todas as revoluções, pela revolução espanhola, pela Comuna de Paris e pelas obras de Proudhon, de Michelet, de Renan, de Victor Hugo, etc.... Tudo o que sei, devo-o á França. Foi nos seus livros que aprendi a amar e a pensar. Foi no convívio dos seus escritores, que formei o meu caráter.

Ainda me recordo da unica visita que fiz ao famoso autor dos «Miseraveis», e com que timidez, a timidez de um colegial, me acerquei

do Mestre idolatrado. No seu jardim, foi-me dado colher uma modesta flôr solitaria, que conservo religiosamente como preciosa recordação daquele dia memoravel. No *Rappel*, que era o seu orgão na imprensa, colaborei durante alguns anos. Augusto Vacquerie, o principe dos jornalistas parisienses, prodigalissou-me sempre um carinho fraterno, chegando mesmo a exagerar o seu afeto para comigo, a ponto de muitas vezes me confundir. Tendo delegado em mim a sua representação ao Congresso do Livre Pensamento que se realisou em Madrid, aprouve á sua bondade, escrever esta frase duma requintada cortezia: «Vós presente, não estarei eu ausente.» Ainda ha mezes, num banquete dos parlamentares francezes, que me foi oferecido no Pavilhão do *Bois de Boulogne*, o sr. Pichon, antigo ministro dos negocios estrangeiros, que presidia, recordou o facto de me conhecer ha trinta anos, quando com ele colaborei na *Justice* de Clemenceau, com Millebrand e o malogrado Camilo Pelletan. Com Jules Ferry, que foi, incontestavelmente, o maior estadista desta terceira Republica, caracterisada pela instrução laica, a ele devida, do mesmo modo que a primeira, a de 95 se assinalou pela libertação da terra, que estava então nas mãos dos senhores feudaes, e a segunda, a de 48, pelo sufragio universal, para que tanto concorreu Ledru Rollin; com Jules Ferry, mantive, uma longa correspondencia sobre o significado da Democracia e a pratica dos seus principios.

E que direi eu doutros, como Charles Letourneau, o eminente sociologo; de Benoit

Malon, meu mestre e meu amigo, que imprimiu no socialismo, tornando-o integral, um caracter moral de bondade e de solidariedade humana; de Charles Lemmonier, pelo braço do qual dei os primeiros passos nos caminhos do pacifismo; de Anatole de la Forge, que, tendo sido candidato á presidencia, se suicidou por falta de recursos, e de tantos outros que iluminaram o meu espirito e aqueceram o meu coração?

Uma geração de idealistas, dizia-se. Uma geração de utopistas, de visionarios, de sonhadores. Quem me déra, porém, que os moços de hoje fôsem tambem uns idealistas, como nós o fômos. O que é o idealismo? Ser idealista, é amar — amar uma idéa, uma mulher, amar uma causa, nada importa! — mas amar sempre e eternamente. Ser idealista, como a palavra o indica, é possuir um ideal; é ter a confiança, é ter a fé, é esperar.

Sou otimista e quero morrer otimista. O otimismo torna-nos moralmente fortes. E' uma fonte de saude moral.

Com que m'gua, com que dôr, eu olho para os indiferentes, o que tanto monta dizer, para os impotentes. Uma parte da nossa mocidade, desdenha dos velhos idealistas que se assinalaram pela pureza das suas intenções e por esse tesouro inestimavel que se chama — o desinteresse. Dominada pelo egoismo feroz, cega-a um snobismo morbido. E' sceptica e vencida da vida, beata e reacionaria. Não vê, não quer vêr que o espirito democrático alastra pelo Universo, com a intensidade de um incendio providencial, que arrastará, na sua chamma devoradora, o velho mundo em ruina.

Realisou-se a profecia de Napoleão :

«Dentro de um seculo, a Europa ou será cossaca ou republicana, disse êle.»

E' republicana, felizmente. E é o espirito republicano, fecundo e renovador, que ha de vencer a apatia, o dessoramento que nos entibiam e entorpecem.

Indiferente! A nossa juventude, com boas e raras exceções, sente-se velha aos vinte anos. Falta-lhe a alma, falta-lhe a paixão, falta-lhe a vontade, a vontade de viver e de vencer. A vontade é a grande aristocracia do nosso tempo, superior á aristocracia de sangue, á aristocracia de dinheiro e á aristocracia do talento.

O que é preciso, efetivamente, é viver, viver, viver. E eu nunca vivi tanto e tão intensamente, como nêstes últimos 3 anos, que valem bem por 30. Estive ultimamente dez mêses seguidos no estrangeiro. Ha vinte e oito anos, que não se sentira em Paris um frio tão intenso. Tinha os pés feridos, a maxila inferior contraída, as mãos congeladas, quasi não podia escrever, era um aleijado. O grande poeta, o Dante, na sua «Divina Comedia», considerava o frio como a maior dôr humana e dizia que deviam ser condenados a morrer de frio todos os traidores à patria. Mal podia êle ter adivinhado, que haviam de ser heroes os que afrontavam o frio nas trincheiras!

Ouvia-se, de longe em longe, o canhoneio da metralha, nos campos de batalha, e, algumas vezes, havia o sobresalto, causado pelo alarme aereo que anunciava a proximidade de um Zeppelin. E, logo, a esquadilha de aviões, que se compunha de cisnes, de cegonhas, etc ,

lhe dava caça, como uma matilha que persegue uma fêra.

Faltava-me, é certo, o carvão para me aquecer a casa, faltava-me a luz nas ruas, faltava-me o pão e a carne á mêsá. Mas eu sentia-me bem, porque partilhava dos destinos dos meus semelhantes. E, no dizer do filosofo, nada do que é humano nos deve ser indifferente.

Póde, porventura, alguém ser estranho ao que se passa, repito? Os individuos, como as nações, são o resultado das suas energias. Só vivem os homens e os povos que teem uma vontade propria e sabem fazer uso dela. Com effeito, é a vontade a expressão do carater individual e colétivo. Que o digam o Portugal heroico do passado e a França imortal do presente.

Portugal Heroico

Ainda há dias, n'um artigo, publicado no *Boletim da Universidade Livre* a cuja direção presto aqui a minha homenagem pelos relevantes serviços que vem prestando á sociedade portugûesa, eu o dizia:

Perguntai-o a Vasco da Gama que descobriu o caminho maritimo para a India, abrindo novos mercados ao commercio internacional. Perguntai-o a Afonso d'Albuquerque, o maior de todos os portuguezes que fundou o imperio do Oriente. Perguntai-o a Alvares Cabral que, aportando ás praias do Brazil, estendeu o nome lusitano ao novo mundo. Perguntai-o a todos aqueles que, á custa das suas vidas,

fundaram o mais vasto imperio colonial que jámais existiu Perguntai-o aos grandes capitães, aos heroes, que colaboraram na maior epopeia das nações civilisadas. Perguntai-o aos navegadores audaciosos que sulcaram os mares, no XV e no XVI seculos, levando a boa nova a mundos desconhecidos, ás praias longinquas, não com um fim de rapina, mas com um fim scientifico e civilizador.

A Patria Portugueza!

Perguntai-o ao mar tenebroso. Perguntai-o ao indomavel oceano: elle vos desvendará os seus misterios e os seus segredos. Perguntai-o ás tempestades desencadeadas que recuaram espavoridas perante a audacia desses Titans. Perguntai-o á Terra submetida. Perguntai-o á Natureza subjugada. Perguntai-o ao Universo assombrado, fascinado, pela magia desses gigantes.

Que a sombra de Camões se erga e me inspire!

Camões simbolisa a alma da patria, e, assim como os gregos invocavam os seus deuses, na hora do perigo, assim tambem devemos nós, os portuguezes, invocar, no momento presente, o espirito do nosso incomparavel épico. Os italianos fizeram de Dante, o seu genial poeta, o orago, o simbolo das suas escolas. Façamos nós o mesmo com Camões.

Soldado e poeta, ele fixou na historia a nossa personalidade espiritual. Cada estrofe dos *Lusiadas*, que deveria ser projetada em «films» como atestados do nosso esforço sobrehumano, tornou-se, para nós, uma palavra de ordem, a divisa de uma bandeira. Os *novos Lusiadas* vão ser escritos com o sangue ge-

neroso dos soldados da Republica que, nesta hora decisiva, se batem em Africa e na frente ocidental, pela Patria e pela Humanidade.

Não vos direi já porque é que Portugal entrou na guerra. Seria afrontar o nosso brio. Cumpriu assim, um dever moral, nacional e humano que se impunha á consciencia portugueza. Podia, dignamente, airosamente, Portugal deixar de entrar na guerra? — pergunto. Olhae para a situação humilhante e deprimente dos paizes neutros.

Não é uma situação : é um suicidio.

Poderão os que se presam da sua qualidade de homens desinteressar-se do que se passa?

Indiferentes, se os ha, são uns verdadeiros criminosos. Neutros, se os ha, são cúmplices num crime hediondo. A indiferença é a expressão do egoismo individual, é uma abdicação, uma renuncia á vida, é uma covardia. O que me pesa é não ser mais novo, para ir para os campos de batalha, porque o nosso logar é ao lado dos que se batem pela nossa liberdade e que por nós se sacrificam: Defender a honra da minha patria, defender o seu futuro e a sua independencia, defender a a propria vida e a propria dignidade. . . Pode, porventura, haver nada mais belo, nada mais nobre, nada mais alevantadamente moral, patriotico e humano? Dizei-o vós, ó mães, que me escutaes. Os atenienses comparavam a mocidade a uma arca cheia de ouro que não trocariam por todas as riquezas asiaticas. Por minha vez, direi tambem: Todas as honrarias, todos os postos, são nada, comparados com esse gesto viril e sublime que nos tornará orgulhosos de nós mesmos. E, assim como o

Marquez de Pombal reorganizou a sociedade portuguesa inoculando-lhe um espirito novo, por meio de professores que mandou vir do estrangeiro, assim tambem os nossos soldados, regressando triunfantes da frente ocidental, constituirão um fator de renovação para uma patria nova, grande, respeitada e digna dos nossos antepassados. Temos hoje um exercito e uma marinha que não possuíamos. Temos uma situação internacional. Revivemos. Resuscitamos.

Celebremos, aclamemos e glorifiquemos os soldados de Portugal, como se celebraram, aclamaram e glorificaram, nos tempos passados, as nossas caravellas que iam, mares além, num intuito civilizador, as historicas caravelas, que eu visiono nos oceanos distantes, ligeiras e elegantes, ondulando ao sabor do beijo das ondas. Elas simbolisaram toda uma civilização que se estendeu vitoriosa, por incalculaveis beneficios, a todos os continentes, da Africa até ás Indias, por toda a parte, enfim, onde penetrou o espirito da velha Europa. Elas levavam, nas suas azas brancas, a gloria e o dominio da terra. Nos meus sonhos de patriota, eu vejo-as, ainda e sempre, como a imagem de um mundo de luz, arrancado ás trevas do passado.

O que é que eles procuravam, esses pequenos navios que passavam, como fadas brancas, atravez os mares eternos como azul?

Os queridos sonhos da minha mocidade... Eles dissipam-se deante da realidade brutal, cruel, esmagadora e criminosa. A caravela e o submarino... A obra da vida e a obra da morte; a obra do amor e a obra do odio; a

obra dos heroes e a obra dos piratas desprezíveis. Supremo combate entre o dia e a noite! exclamaria o poeta.

Esta guerra, que será a ultima das guerras, está destinada a matar a guerra, a deshonrar a guerra, como dizia Victor Hugo. E' por isso que, sendo um pacifista convito, e peço perdão a mim mesmo se abri um parentese na minha vida, eu penso que a devemos levar até ao seu ultimo reduto, para obter, não uma paz alemã, de conquistas e de anexações violentas, o que representaria o regresso a um novo conflito, mas uma paz humana, de reparações e de restituições, baseada sobre um regimen juridico, uma paz republicana, n'uma palavra.

Em Portugal, não se sentiu ainda bem a guerra, continuo a dizel-o. E é mister, e é indispensavel e é absolutamente necessario que ela se sinta, para se ter uma compreensão nitida da situação que atravessamos; para não vivermos no alheamento da dôr humana que deve ser partilhada por todos os homens, dignos de tal nome; para podermos apelar para o patriotismo de todos, e para que tambem todos os que se dizem portuguezes se identifiquem no mesmo espirito de sacrificio. Vejam o que se passa nos outros paizes. Na Russia foi aumentada a contribuição sobre o rendimento em 50 0/0; na Inglaterra em 43 0/0. E todos aceitaram resignadamente o sacrificio porque o interesse da patria está acima do interesse individual. Acima de cada portuguez está Portugal; acima de cada republicano está a Republica.

Tem-se feito a propaganda militar. Temos 55.000 homens na frente; estamos prepa-

rando outros 55.000 para substituirem os que forem rareando. Temos 40.000 homens em Africa. Em 24 horas, poderemos mobilisar 20 000 homens, para defender a fronteira, o que era impossivel fazer-se antes da guerra. Forçoso, porém, se torna confessar que a propaganda civil tem sido completamente descurada. E semelhante propaganda não se pode fazer com palavras ou logares comuns: tem de fazer-se, com factos, com documentos, pelo jornal, pela conferencia, pelo opusculo, recordando os feitos dos nossos grandes homens, tomando, como tema, as estrofes dos *Luziadas*, mostrando que a patria, tal qual a compreendeu Afonso de Albuquerque, deve estar acima das lutas politicas, dos interesses partidarios e das conveniencias pessoas. Ha-de Portugal constituir uma exceção no meio das nações aliadas? Não basta só estar ligado, por afinidades espirituaes, com a França, invocando o seu patriotismo. E' mister tornarmo-nos dignos d'ela, pela nossa attitude, pela nossa elevação moral e pelo nosso desinteresse. Façamos calar as paixões dentro de nós mesmos e ergamos os nossos corações á altura dos acontecimentos.

Assim como os inglezes foram testemunhas da nossa valentia em Aljubarrota e no Busaco, assim tambem os francezes o foram em Montes Claros. Não devemos esquecer que, se é certo que Portugal deve á França a impulsão da nossa poesia dos trovadores e dos estudos universitarios, foram todavia os portuguezes que, no seculo XVI, fundaram o collegio de St.^a Barbara em Paris e o de Guienne em Bordeus. Eles foram os mestres

de Montaigne, de Rabelais e de Calvino. Os eruditos do nosso paiz imprimiram ao humanismo francez o carater particular dos Hellenistas antes dos italianos. Foi o meu bravo compatriota que o lembrou, n'um belo discurso, Xavier de Carvalho, cujo filho morreu na Champagne, batendo-se corajosamente pela França.

França Imortal

O que é o ideal francez, dil-o admiravelmente Gabriel Hannotaux no seu interessante livro *La fleur des histoires francaises*:

«A nação franceza não precisa de vastos dominios. Quando a politica os procurou, prejudicou-se sempre. As suas aspirações moraes e intelektuaes são mais altas. Aspira á justiça e á perfeição. Vimol-a lançar-se nos grandes caminhos da aventura, cada vez que o eco de uma queixa longinqua chegou até ella. E' a irmã mais velha dos povos que sofrem. Ama para amar e ser amada. Emquanto existir a França, nenhum povo vencido deve desesperar por completo.

Como procura a Justiça, a França ama a Luz. Foi este o primeiro dom que lhe fez a Natureza. O seu genio é feito para clarificar, a sua lingua para elucidar. Entre as demais nações tem um papel de interprete: mostra-as umas ás outras. Quando homens de culturas diferentes se encontram reunidos, se querem comprehender-se a fundo, precisam de falar francez. Criando a sua lingua, a França

levou á concordia e á paz um auxilio incalculavel.

Por ser applicado á comprehensão, o espirito francez criou o respeito das opiniões, o *savoir-vivre*, a tolerancia. A seita está em contradição absoluta com as suas tendencias tão fortemente unitarias.

Justiça, tolerancia, elegancia, lealdade — eis os traços essenciaes da civilisação, e taes são tambem os traços carateristicos do ideal francez. E quem diz ideal francez, diz ideal latino, ideal humano.

A França! A França é o pensamento humano em ação: são os espiritos de Voltaire, de Proudhon, de Michelet, de Pasteur, de Berthelot, de Taine, de Renan, de Victor Hugo, irradiando sobre o Universo, á semelhança de um rutilo clarão. A França significa o triunfo na poesia, na filosofia, na historia, no teatro, no romance, na critica. A França é ainda a primeira em medicina, em cirurgia, em fisiologia. A França, pelo seu genio incomparavel, mantem a incontestavel primazia das mais recentes invenções, como a telegrafia sem fios, o automobilismo, a aviação. A França representa a beleza moral da gloria. A França é a suprema inspiradora dos povos oprimidos, a sua pitonisa e o seu oraculo. A França é guia e mestra, esperanza e realidade. A França é a sintese de todos os heroismos e de todas as redenções.

Paul Deschanel o disse:

França de S. Luiz, de Joanna d'Arc, de S. Vicente de Paula, de Pascal; França de Rabelais, de Descartes, de Molière, de Voltaire; França das Cruzadas e França da Re-

volução, és sagrada para nós, e os teus filhos são eguaes nos nossos corações como elles o são perante o perigo.

E' ainda um homem da França que exclama: «O' cavaleiros denodados, oriundos de invenciveis linhagens, recordae-vos do valor de vossos paes». Assim lhes falava Joanna d'Arc, que se denominava filha de Deus; assim falava Bonaparte e com ele os generaes republicanos, e é ainda assim que se entusiasma os nossos soldados, quando surgem das trincheiras, cantando a *Marselheza*, comenta Maurice Barrés.

E continua:

Ouvimos aqueles que nos dizem que a França é uma obra prima, real e tangivel, de que cumpre manter e aperfeiçoar as formas; que ela não pode viver sem Metz e Strasburgo; que precisa equilibrar o seu sul com as populações do norte e de leste; que estará desarmada, aberta, enquanto lhe faltarem as suas fronteiras naturaes... E, para se sacrificarem, os filhos da França querem sempre não morrer unicamente pela França.

Quando o cruzado exclama: Deus o quer; quando o voluntario de Valmy grita: A Republica vos chama—é o mesmo grito de armas. Trata-se de realisar mais justiça e mais beleza na terra. A ambos, a consciencia dirá:

Se morreredes, sereis santos martyres! como se proclamava na Canção de Orlando.

E, amando a França, tão apaixonadamente, tão entranhadamente, como vós a amaes, teveis a coragem de viver longe de nós, no momento em que mais carecemos do calor da

nossa familia espiritual? — escrevia-me, ha pouco, um official francez.

— Não! meu bravo, vôo para vós, na suprema ancia de quem encontrou na alma franceza a maior perfeição humana.

Não são só os destinos do mundo que a barbarie teutonica ameaça de morte: é tambem a sorte dos pequenos paizes. E' o principio das nacionalidades que está em jogo. Os pequenos paizes tem o mesmo direito á vida que os individuos.

Na sua lucida exposição sobre o *Problema das Nacionalidades*, o professor Ruyskens acentua este principio com a maior precisão. Para que uma nacionalidade se liberte, diz ele, é indispensavel que ela realise duas condições: que seja digna de viver, que cultive piedosamente o seu passado, e não se cance nunca de mantêr bem alto e vivo um ideal para o futuro. Não ha nada mais real do que o ideal na vida do homem e das sociedades. É tal é precisamente a situação de Portugal.

Uma nação, acrescenta Ernest Renan, representa, primeiro que tudo, uma historia — a posse de um rico legado de recordações, um passado heroico, a gloria, e, mais ainda, o sacrificio e as provações. O sofrimento une mais do que a alegria.

E Voltaire concluia: E' preciso pôr o povo em estado de perceber que tem um espirito. A desgraça dos povos tem, com efeito, por causa principal, a ignorancia, instrumento de todas as escravidões. Com o desenvolvimento da sua consciencia e da sua razão, os povos aprenderão a fazer uso da liberdade e por ela se elevarão por si mesmos á felicidade. A li-

berdade, ensina Montesquieu, traz em si mesmo o remedio dos erros e dos males que pode engendrar. A mesma doutrina se pode aplicar aos principios republicanos.

A conflagração atual não é outra coisa senão um esforço supremo para quebrar a ditadura militar de uma potencia, que, tendo feito da guerra a sua industria, a quiz impôr aos outros povos, sob pena de escravidão. E estes povos levantaram-se, não só para se defenderem, no uso de um legitimo direito, senão tambem para destruirem de vez essa organização de violencia e de hegemonia pela violencia. A bem dizer, o que existe hoje é um duelo de morte entre duas religiões: a religião da força e a religião do direito. E' a cruzada democratica da libertação. E' preciso vencer ou submetermo-nos, dizia o sr. Ribot. Não ha para nós outra obrigação nem outro scôpo. Trabalhamos juntos, proclamou o sr. Viviani em Washington, como homens livres, resolvidos a salvar os ideaes da humanidade. Ao que o governador do Estado respondeu n'uma simples frase: Até á ultima moeda, até ao ultimo homem, até ao ultimo pulsar do coração!

A moderna Cruzada

São por isso, bemvidos todos os homens, são louvaveis todos os esforços, são benemeritos todos os nucleos que se organisarem, para fortalecerem a moderna cruzada em que está empenhado o mundo civilisado.

Em Lisboa acaba de se fundar o *Comité Portugal-França*, correspondente ao *Comité France-Portugal* que existe em Paris. A este nucleo, destinado a realizar uma grande obra de confraternisação internacional, pertencem notaveis personalidades das sciencias, das artes e do turismo. Um dos seus fins, além de outros, igualmente fecundos e uteis, como sejam conferencias de portuguezes em Paris e de francezes em Lisboa, Porto e Coimbra, é efetuar uma exposiçã o artistica na capital franceza.

No Porto organisou-se, com eguaes intuitos, a *Société Amicale Franco Portugaise*.

Há dias esteve entre nós o sr. George Dumas, professor na Sorbonne, que realisou, na *Sociedade de Geografia*, uma interessante conferencia sobre *As perturbações nervosas e a guerra*. O horror que as projecções desses infelizes inspirou ao auditorio, provou-me que será essa a melhor propaganda, a propaganda pelo facto, em favor da paz, do mesmo modo que, no Brazil, o que mais contribuiu para a abolição da escravatura foi a exposiçã o de escravos com os pés feridos, os pulsos arroxeados pelas cadeias, e outros maus tratos de que eram vitimas.

Tornar Portugal conhecido da França é tornal-o conhecido do mundo. E' preciso tirar da nossa participaçã o na guerra todos os beneficios a que nos dá direito a nossa cooperaçã o milltar. Acabou a lenda, filha da ignorancia e da má fé, de que Portugal é uma provincia de Espanha ou uma colonia de Inglaterra. O preparo para a paz é tão importante como a propria participaçã o na guerra.

Tornar conhecido o nosso país do estrangeiro por uma propaganda intensa, tenaz, perseverante, constitue uma verdadeira fonte de riqueza publica para o futuro. Um operador da casa *Gaumont* tem percorrido as nossas provincias para projetar «films» das nossas lindas paizagens e da nossa natureza sem egual. Esta propaganda refletir-se-ha na America com a qual teremos de contar depois da guerra. Para ali devem voltar-se as nossas vistas. Eu mesmo penso, dentro em breve, continuar a minha propaganda.

E' preciso, pois, que estas iniciativas sejam levadas até ás suas ultimas consequencias. Não basta só a aproximação entre os intelektuaes dos dois países: é mister tambem a aproximação economica, comercial, industrial e agricola. E, para tal fim, muito poderão contribuir sociedades como aquelas a que que acima me refiro.

Os italianos, paralelamente á frente externa, organisaram a sua frente interna. Em que consiste a frente interna? — Em consumir o minimo e produzir o maximo; em evitar tudo o que possa perturbar o moral das populações civil e militar. Se existe uma *Liga contra o alcoolismo*, como defesa fisica, porque não hade existir uma *Liga contra o boato*, contra a calunia, contra a espionagem, disfarçada em patriotismo, como defeza moral. E' o que os italianos chamam a frente interna.

A democracia não é nem pode ser a indisciplina e a insubordinação a substituirem a ação dos dirigentes. A democracia não é nem pode ser o egoismo e a ganancia a sobreporem-se aos interesses nacionaes. A democra-

cia não é nem pode ser a inveja a apunhalar pelas costas. A democracia não é nem pode ser a ambição e a vaidade a atropelarem a coerencia, a dignidade e o desinteresse.

Que todos os que amam a liberdade me sigam, dizia Garibaldi á sua heroica e invencivel legião dos *Mil*. Pois bem! Que todos os que amam a Patria e a Republica imponham silencio ás suas mesquinhas paixões individuaes, em nome dos principios que dizem professar e que se tornaram para todos uma questão de honra.

Não ha duvida que todas as nossas forças e a nossa atenção as devemos dedicar á nossa participação na guerra. Seriamos, porém, criminosos, se não consagrassemos uma parte importante da nossa atividade á salvação da raça, porque é, de facto, o futuro da raça latina que está em jogo.

Persistamos e confiemos. Poltrões, nem os podemos considerar nossos compatriotas nem nossos irmãos. Sejamos ativos, previdentes e solidarios. Os nossos esforços e os nossos sacrificios, por maiores que sejam, não corresponderão nunca aos dos nossos soldados que se batem nas linhas de fogo e que ficarão sendo nossos eternos credores. É certo, que o direito é o direito, e que a força não pode nem criar-o nem destrui-lo. Mas não hesitemos no cumprimento do dever. Permitam-me que eu me incline, respeitosa e enternecidamente, perante os fieis e obscuros *poilus*, os admiraveis defensores de Verdun.

Energindo dos campos da França, eles erguem-se, formidaveis e invenciveis, afrontando a metralha e a ferocidade inimigas, com

esta unica divisa, inscrita na sua bandeira. «Não passareis. E' nossa a victoria!» -- o que tanto monta.

Chega até nós o eco das trincheiras: «Ou não voltaremos, ou voltaremos vencedores.» E' a voz da Justiça, festejando uma nova aurora, proclamando uma nova civilização.

Não cessarei de o repetir: Assim como o seculo xv foi o seculo da Imprensa e do Novo Mundo; assim como o seculo xvi foi o seculo da Reforma e da Renascença; assim como o seculo xvii foi o seculo da Revolução ingleza; assim como o seculo xviii foi o seculo da Revolução franceza; assim como o seculo xix foi o seculo dos operarios; assim tambem o seculo xx, quer o moderno Atila o queira quer não queira, quer os barbaros o desejem quer não, será o seculo da solidariedade humana. Nunca as ideias de patria e de solidariedade internacional foram tão profundas e tão intensas como em nossos dias.

A Sociedade das Nações para a qual caminhamos, pela União dos povos occidentaes, existe já economicamente, e organizar-se-ha amanhã politicamente. Será o resultado logico d'esta guerra, chamada, com toda a propriedade, a guerra da paz, a guerra destinada a aniquilar para sempre o militarismo, a guerra da Humanidade.

Trabalhemos, pois, meus senhores, por uma Europa livre; trabalhemos por um mundo libertado; e, num mesmo viva, caloroso e vibrante, aclamemos a França e Portugal, unidos-hoje mais do que nunca, pelo mesmo espirito e pelas mesmas aspirações emancipadoras; e, na catastrophe imensa, que abala a velha Eu-

ropa, unidos pelo sangue dos seus filhos, que lutam valorosamente pelo triunfo do direito com as armas na mão.

Viva a França! Vivam os aliados!

Nota final

Como *mot de la fin*, cabe-me aqui agradecer as cativantes provas de afeto com que me distinguiram os meus dedicados correligionarios do Porto, por occasião das conferencias que ultimamente realisei naquela cidade. A' *Assistencia Popular Patriótica*, nas pessoas dos seus valorosos directores e meus queridos amigos, Adriano Gomes Pimenta e Antonio Martins, e á *Société Amicale Franco-Portugaise*, nas pessoas do grande artista Leal da Camara e do devotado republicano, Seixas Junior, deixo publicamente consignada a minha solidariedade na obra comum, com votos ferventes pelas prosperidades a que teem direito a duas pres-
tantes coletividades.

DO MESMO AUCTOR:

- Miniaturas Românticas
A Senhora Viscondessa (*romance*)
Costumes Madrilenos
A Questão do Banco Nacional Ultramarino
A Actualidade (*estudo economico social*)
Padres e Reis
O Papa perante o Seculo
Os Estados Unidos da Europa (*trad.*)
A Revolta (*1.ª parte*)
A Revolta (*2.ª parte*)
Pela Patria e pela Republica
O Socialismo na Europa
O Livro da Paz
O Primeiro de Maio
A Federação Iberica (*edição franceza*)
Paz e Arbitragem
O Federalismo
O Centenario no Estrangeiro (*conferencia*)
A Guerra e a Paz (*conferencia*)
A Obra Internacional (*edição port. e franceza*)
O Congresso de Roma (*conferencia*)
Livre Pensamento (*conf. realisada no Porto*)
O Portugal Republicano (*edição franceza*)
O Portugal Livre Pensador (*conferencia realisada na Casa do Povo, de Lausanne*)
O Livre Pensamento Internacional (*conferencia realisada no Atheneu de Madrid*)
A Sciencia do Internacionalismo (*conferencia realisada na Associação dos Jornalistas de Madrid*)
A Cremação de Cadaveres (*conferencia*)
O Centenario de José Estevão (*conferencia*)